

190

47

Índios Tuxás sofrem com falta de comida

Magno Martins

NOVA RODELAS (BA) — Os índios tuxás estão passando fome. Sem terras, invadidas pela Chesf em função da barragem de Itaparica, eles vivem numa aldeia precária e isolada neste município, às margens do lago de Itaparica. "A Chesf ainda não cumpriu com sua promessa", diz o cacique Manuel Eduardo Cruz, 59 anos, referindo-se ao plano previsto para deslocar as 100 famílias indígenas para uma outra área, engavetado desde 1987, ano em que a Chesf providenciou o maior problema social no São Francisco, inundando e acabando com seis cidades, inclusive a velha Rodelas.

Desamparados, os índios estão também adoecendo por causa da ociosidade. A aldeia improvisada pela Funai, depois da inundação, fica na periferia de Nova Rodelas, sem áreas para exploração agrícola. Na antiga aldeia Ilha da Viúva os tuxás produziam mandioca, feijão, arroz e frutas. "Hoje, ninguém faz mais nada. Fica aqui vendo o tempo passar e a Chesf nada faz", diz o índio Júlio Geraldo Gonçalves, que sofre de hipertensão. "Depois que fui expulso das nossas terras só vivo doente, com a pressão alta", acrescenta, inconformado com a situação.

No posto médico da comunidade tuxá as idas são grandes durante o dia. Carmelita Joseta Cruz, 62 anos, três filhos, se encarrega de medir a pressão arterial dos índios, e confessa: "Antes, o nosso maior problema era a febre amarela, mas hoje os índios estão com problema de pressão, com os nervos na flor da pele por falta de condições para viver. Aqui não tem terra, falta espaço para caçar e produzir", reclama.

Violência — Os tuxás não têm ainda nenhum caso de morte em São Paulo, como está ocorrendo em relação à tribo Pankararú, localizada também na área do lago de

Itaparica, no município de Nova Petrolândia. Lá, mais de 10 índios que deixaram a tribo para tentar emprego em São Paulo foram vítimas da violência urbana.

Os tuxás estão perdendo a paciência com a Chesf. São quase 10 anos de espera pela nova área agrícola. Na semana passada, eles procuraram a Funai e manifestaram apreensão com a falta de informações a respeito da situação. "A Chesf não muda dizer nada a nós. Estamos sofrendo muito, porque nossa vida é caçar, pescar e produzir, mas não estamos podendo fazer isso nesse isolamento aqui", reclama o pajé Orlando Gomes, 61 anos.

"Se não fosse uma ajuda, vez por outra da Prefeitura e da Funai, nós estávamos fritos", diz o chefe da tribo, João Valadares, que tem trabalhado muito no sentido de cobrar providências quanto ao futuro das terras dos tuxás. Nem no lago, que beira a cidade de Nova Rodelas, é possível pescar, porque a Chesf proíbe.

Na atual comunidade os índios contam com água, luz e energia, vivem praticamente no perímetro urbano e estão perdendo seus velhos hábitos, como as danças e as manifestações folclóricas. "Eu não sei nem mais dançar", diz o índio Geraldo Gonçalves, que tem como único lazer agarrar andar de bicicleta pela cidade. A inundação da velha aldeia dos tuxás ainda não foi esquecida pela tribo.

"Lá, era muito bom. A gente pescava, dançava e produzia milho e feijão", recorda, com um tom de nostalgia, o índio Francisco Soares da Luz, 46 anos, que, a exemplo dos seus colegas da aldeia, nada faz, à espera de uma solução por parte da Chesf. "A gente não quer nada, além da terra. Sem terra para trabalhar a vida não presta. A gente fica aqui, misturado com os brancos, e longe da roça, acaba adoecendo", observou.



Os índios acusam a Chesf de não cumprir acordo sobre a transferência